

SESSÕES DO PLENÁRIO

5ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 16 de março de 2017.

PRESIDENTE: DEPUTADA NEUSA CADORE (AD HOC)

A Srª PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Declaro aberta a presente sessão especial Democracia e Direitos Humanos e outorga do Título de Cidadã Baiana à Ativista Social Eliana Bellini Rolemberg, proposta pelo nosso mandato. (Palmas)

Vamos compor a Mesa e quero iniciar convidando a Srª Secretária da Promoção da Igualdade Racial, Fabya Reis, representante do Governador Rui Costa, acompanhada do Sr. Superintendente de Direitos Humanos da Secretaria de Justiça, Desenvolvimento Social e Direitos Humanos, Emiliano José da Silva Filho. (Palmas)

Convido a Srª Sub-Coordenadora Especializada de Direitos Humanos, Defensora Eva Rodrigues, representante do Defensor Público Geral, Clériston Andrade; o Sr. Assessor de Projetos da Coordenadoria Ecumênica de Serviços, José Zanetti; o Sr. Diretor Executivo da Koinonia, Presença Ecumênica, Rafael Soares; o Sr. Assessor Regional da Comissão Pastoral da Terra, Ruben Siqueira; a Srª Representante do Movimento de Pescadores e Pescadoras da Ilha de Maré, Marizélia Lopes; a Srª Secretária Executiva do Centro de Estudos e Ação Social, Catarina Lopes; a Srª Ativista Social e homenageada, que será conduzida pelo Cerimonial da Casa a este recinto, a Ativista Social, a nossa querida companheira Eliana Bellini Rolemberg. (Palmas)

(Apresentação musical.) (Palmas)

A Srª PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Para completar a Mesa, acaba de chegar o Sr. Damien Hazard, coordenador regional do Nordeste da Associação Brasileira de ONGs/ELO. (Palmas)

Convido todos a permanecerem de pé para ouvirmos a execução do Hino Nacional.

(Execução do Hino Nacional.) (Palmas)

A Srª PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Dando continuidade, ouviremos o toque de atabaques do grupo de Mãe Rose, do terreiro Ilê Axé Ogum Marinho, de São Francisco do Conde.

(Apresentação do grupo de Mãe Rose.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Queremos registrar a presença, e agradecer-lhe, da deputada Luiza Maia.

Neste momento, vamos participar da apresentação da linha do tempo da nossa homenageada.

(Apresentação de vídeo.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Nesse período duro e sombrio da ditadura e do exílio, Eliana pôde encontrar um casal, que está entre nós, cultivar e construir uma grande amizade. Então eu queria convidar Vera Dauster e o seu esposo, secretário da Casa Civil, Dr. Bruno Dauster, para prestarem também a sua homenagem a Eliana. (Palmas)

(O Sr. Bruno e Sr^a Vera Dauster entregam um buquê de flores à homenageada.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Com a palavra Dr. Bruno Dauster.

O SR. BRUNO DAUSTER:- Só quero cumprimentar rapidamente Eliana, que conheci no momento em que ela chegou do Brasil a Paris, logo após sair do Presídio Tiradentes, em São Paulo.

Ela já chegou com disposição de continuar lutando naquele momento em que reencontrava Tatiana, sua filha pequena, e Zé Rolemberg, seu esposo. Eliana se engajou imediatamente na divulgação da luta do povo brasileiro contra a ditadura militar e, naquele momento, fizemos parte de uma revista que a gente publicava em Paris, chamada *Revolução Brasileira*. Foi naquele período que nos conhecemos e nos tornamos amigos. Fomos amigos na França, fomos amigos depois no Brasil, fomos amigos na militância, fomos amigos sempre na luta pela democracia, contra a opressão e pelos direitos sociais.

Obrigado, Eliana. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Agradecemos a Vera e a Bruno.

Dando continuidade, convidarei os integrantes da Mesa para se pronunciarem.

Começaremos com o nosso querido companheiro Emiliano José, superintendente de Direitos Humanos da Secretaria de Justiça, Desenvolvimento Social e Direitos Humanos, que falará pelo tempo de 5 minutos.

O Sr. EMILIANO JOSÉ:- Minhas companheiras, meus companheiros, cumprimento a Mesa na pessoa da nossa querida deputada Neusa Cadore, que teve a iniciativa de propor e organizar nesta Casa a concessão do Título de Cidadã Baiana a nossa querida Eliana. E cumprimento de modo especialíssimo a nossa querida Eliana Rolemberg.

Evidentemente, ao cumprimentar as duas, cumprimento toda a Mesa e, também de modo especialíssimo, as tantas companheiras e tantos companheiros presentes.

Só Eliana poderia, como está fazendo, reunir tantas expressões do movimento social, tantas pessoas das comunidades tradicionais, tantas expressões dos movimentos religiosos de toda natureza, tantas expressões do movimento de mulheres, do movimento de trabalhadores rurais, do movimento camponês, do movimento de crianças e adolescentes. Uma multiplicidade de expressões da cultura e da luta do povo brasileiro, porque essa tem sido a trajetória da vida dela.

Eu poderia insistir, porque acompanhei de perto essa trajetória pós-ditadura. Eu vi Eliana chegar aqui, trabalhamos juntos em algumas iniciativas. Na Comissão Pastoral da Terra foi uma delas, quando, indicado por ela, cheguei a escrever algumas coisas para a CPT sobre o Lago de Sobradinho, sobre lutas no Sul da Bahia e tudo. Eliana dirigindo com o Padre Elmano, se a minha cabeça estiver boa.

Poderia insistir nisso. E depois acompanhando-a na extraordinária e atual experiência da Coordenadoria Ecumênica de Serviços. É bonito, mas também difícil falar sobre essas últimas décadas, já que Eliana foi a grande dirigente da CESE, instituição que teve e tem o papel no estímulo e no apoio efetivo aos movimentos sociais na Bahia.

Poderia me estender nisso, mas não vou, porque, como há um certo receio quando um ex-parlamentar assume a tribuna, a deputada Neusa Cadore, que conhece, me disse: “Só fale os 5 minutos”. Então, vou tentar falar somente durante 5 minutos.

Quero cumprimentar, ao iniciar esta segunda fase da minha fala, Rolemberg, companheiro de tanto tempo, e Tatiana, que conheci menina e agora vejo mulher. E eu, nas últimas horas, me emocionei ao revisitar não essa história que eu conhecia de perto, mas ao revisitar a trajetória militante contra a ditadura da companheira Eliane Bellini. Porque eu me lembro, conversando com Zefa Roriz e com Roriz, que ela me disse que foi você quem os recrutou, lá em Aracaju, para a AP. Pois é, você, militante da AP lá, os recrutou e depois eles foram para a área do cacau.

O que ela passou, muitos de nós também passamos, e aqui há alguns companheiros que passaram pelo que ela passou, e não foi pouca coisa, não!

Ela foi presa em São Paulo, ao lado de Anivaldo Padilha, se a minha memória ainda estiver boa, pai do ex-ministro... – vou concluir, deputada Neusa, prometo tentar ser sintético –, (...) e daí Eliana foi levada para a Oban, onde passou por tudo que se passava lá. Não preciso relatar as torturas porque é desnecessário, mas o que ela passou lá é inimaginável; depois foi para o DOPS, porque houve uma denúncia da Damares Lucena, que saiu no sequestro e disse: “A Eliana pode morrer”. Aí os caras da Oban foram lá e a enviaram para o DOPS.

O DOPS de alguma forma era melhor, se é possível comparar, do que a Oban.

Ainda assim ela foi interrogada diversas vezes no DOPS. Depois foi para o Presídio de Tiradentes, onde era bem melhor, e aí conviveu com tantas companheiras, entre as quais a presidenta Dilma Rousseff, companheira de cela de Eliana.

Passou 2 anos presa e foi absolvida pelo STM, depois de ter sido julgada na 2ª Auditoria Militar em São Paulo. Só depois foi ver a filha, Tatiana, e o marido, em

Paris, 2 anos depois. Só voltaram ao Brasil em 1979, com a anistia, para fazer essa trajetória que nós já conhecemos.

Para concluir. O que é extraordinário é ver Eliana sempre militante, sempre do lado da causa democrática. E aqui falo causa democrática no sentido mais profundo, sempre tendo lado, sempre ao lado das classes trabalhadoras, dos explorados, da diversidade extraordinária de manifestações culturais, sociais e políticas da sociedade brasileira.

Escrevi um texto, que está no meu *Facebook* de ontem – tem outro hoje, eu escrevo todos os dias, não vivo sem escrever –, em que eu falava sobre Eliana e dizia que ela é dessas mulheres que lutam sempre. Portanto, é imprescindível.

Um grande abraço a todos vocês. (Palmas. Muitas palmas.)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Muito obrigada, companheiro Emiliano.

Quero registrar as presenças das nossas queridas deputadas Fátima Nunes e Maria del Carmen. (Palmas)

Concedo a palavra a Catarina Lopes, que vai falar em nome do Centro de Estudos e Ação Social, CEAS, por 5 minutos.

A Sr^a CATARINA LOPES:- (Lê): *“Se a vida é uma batalha, serei guerreira, de punho em prumo e garras afiadas, e antivírus para veneno de cobra prontas para dar seu bote. Agarro o seu pescoço e, olho no olho, ponho-a no seu lugar. Quero, se possível, escolher a guerra em que vou me confrontar; uma guerra não fria, (não tenho estômago para coisas frias), mas quente e doce. Que leve o espírito e me dê o prazer em lutar, e de quando em quando, a alma cansada, deitar e respirar profundamente o saber de ter vencido cada batalha, e se não vencida... mas... Viva”*. (Palmas)

Essa poesia se chama “*Guerrear*” e é um presente que aconteceu para Eliana, no momento em que ela convidou o CEAS para construir esse momento, e ela dividia conosco essa preocupação de fazer desse momento, não só um momento para a entrega do título, mas que a gente pudesse politizar esse momento, sobretudo nos tempos sombrios de hoje.

E quando a gente pensava sobre esse espaço a gente abriu um livro de poesias, e caiu essa poesia de presente para Eliana, e por isso a li como presente de luta, também, para a coroação desse momento, que retrata a luta e a história de vida, e o compromisso de Eliana.

Eu ia falar um pouco sobre a trajetória histórica de Eliana com o CEAS, mas a linha do tempo cumpriu essa função inicial. Então, eu vou para uma segunda etapa, que é falar desse compromisso de Eliana na luta pela democracia, ao lado do povo. E foi o que ela fez no CEAS, há 37 anos, quando recebeu o convite de Claudio Perani.

E no ano passado nós fizemos uma assembleia do CEAS, que esse ano comemora 50 anos. E a nossa temática é: “Em tempos sombrios tecemos esperanças”.

E nós convidamos Eliana para estar lado a lado conosco, compondo essa diretoria por reconhecer a trajetória de luta de Eliana, não só pelo acúmulo pessoal, mas pelo exemplo vivido da prática e desse compromisso com a luta popular.

Então, eu não falo só de Eliana, eu falo de histórias de mulheres, eu falo de histórias de jovens, eu falo de histórias de trabalhadores rurais, eu falo de vidas que se cruzam na luta por uma democracia pela via popular. (Palmas)

E, nesta assembleia, claro, óbvio, os tempos sombrios de hoje não são os tempos sombrios da ditadura. E na fala de Eliana, na assembleia ela dizia:- “Eu cheguei aqui em tempos sombrios e encontrei no CEAS a esperança.” A esperança de poder militar num espaço plural, a esperança de poder construir instrumentos de reflexão que pudessem instrumentalizar esses trabalhadores na luta, os que estavam na base, construindo essa democracia de fato, os que estão na frente desse combate.

Então, por isso a escolha de Eliana para continuar, para se reaproximar do CEAS nesses tempos sombrios de hoje.

E para finalizar eu faço dois recortes.

(A sirene toca finalizando o tempo.)

A Sr^a CATARINA LOPES:- Mas, já? Que opressora essa sirene!

(...) Destaco apenas um ponto, já que tocou a sirene. A luta das mulheres, quando falamos sobre esse assunto não podemos esquecer que mulheres e homens estão na frente. Mas as mulheres estão na linha de combate... (palmas)... e não posso deixar de falar sobre isso, porque os movimentos populares que acompanhamos e trabalhamos têm essa prática. Não posso deixar de tocar que no contexto atual todos os ataques que estamos sofrendo, sobretudo na reforma da Previdência, não podemos aceitar que se iguale o tempo de aposentadoria entre homens e mulheres. Dessa forma, desconsideramos todo o debate do movimento feminista e da luta das mulheres pelo direito de uma sociedade sem essas contradições de gênero.

Então é essa a nossa luta e estamos com Eliana, que tem contribuído com o CEAS historicamente. Convidamos para essa aproximação e entendemos que essa homenagem tem muitas faces e muitas lutas. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Obrigada, Catarina.

Dando continuidade, convido Ruben Siqueira da Comissão pastoral da Terra para fazer o seu pronunciamento.

O Sr. RUBEN SIQUEIRA:- Bom-dia, companheiros e companheiras do Plenário, da Mesa, companheira deputada Neusa e companheira Eliana! Para não

extrapolar demais o tempo e ficar escutando essa sirene, permitam-me ler o que preparei para esta manhã tão importante para nós.

(Lê) “Aqui represento a CPT- Comissão Pastoral da Terra, criada e mantida, há quase 42 anos, pela Igreja Católica e outras Igrejas para “apoiar, dinamizar e assessorar” os trabalhadores e trabalhadoras do campo e os agentes de pastoral que se solidarizam com suas lutas. Eliana integrou a CPT-Regional Nordeste III-Bahia/Sergipe, como assessora regional entre 1979 e 1983.

Eliana hesitou muito em aceitar esta homenagem do título de Cidadã Baiana...

E nós hesitamos com ela! Aceitou porque viu nesta uma oportunidade para visibilizar as lutas e os sujeitos populares destas lutas aos quais tem dedicado a vida.

Com ela e por isso, aceitamos fazer parte e contribuir para a significação deste ato.

Para além dos ritos e formalidades desta homenagem, importa ressaltar a que esta pessoa de luta e as lutas desta pessoa tem a dizer neste espaço de política institucional, nesta grave quadra que vivemos, a nos exigir desinstitucionalizar e substancializar a política. Porque em espaços como este, da democracia formal, quando e muito distanciados do real e duro cotidiano do povo sem poder e direitos, a política perde cada vez mais a sentido! Os golpes em curso o comprovam!

Trazer, pois, para cá a pessoa e a trajetória de Eliana Rollemberg menos enobrece esta casa do que à própria pessoa e trajetória e significações de lutas homenageadas! Creio que a intenção da companheira Deputada Neusa Cadore – porque de trajetória correlata à da homenageada, tendo sido também da CPT – é reafirmar o sentido de sua e nossa presença aqui e o próprio sentido desta casa. Valeu, Neusa!

Eliana Rolemberg, chega do exílio em 1979 e é convidada pelo querido e saudoso mestre Padre Claudio Perani, – sempre disposto a dar guarida e salvação a militantes perseguidos pela repressão, como fez com tantos e tantas –, conhecedor do potencial de Eliana, a trouxe para a CPT Bahia/Sergipe.

Na CPT, num trabalho pioneiro e de enorme relevância, inspirado pelo próprio Claudio Perani, Eliana dedicou-se a apoiar as lutas dos trabalhadores e trabalhadoras assalariados rurais. Marco desta luta foi a famosa Greve do Café, assessorada por ela e Antonio Dias, do CEAS. Entre abril e maio de 1980 por 38 dias, cerca de 10 mil assalariados e assalariadas do café fizeram essa histórica greve, em Vitória da Conquista e Barra do Choça. Em época em que o direito de greve era ainda mais restrito, foi a primeira greve no Brasil a cumprir todos os trâmites legais antes de ser deflagrada. Das 30 cláusulas da proposta de acordo, os patrões rejeitaram 14, entre as quais as mais elementares, como as relativas ao processo e equipamento de trabalho, medição da produção, condições de transporte e alojamento, o preço da diária e etc...

Ainda que a maior parte das reivindicações não tenha sido satisfeita, o saldo político organizativo do movimento foi muito importante: a conscientização da categoria, a adesão maciça da base o fortalecimento do sindicato como ferramenta de luta, as novas lideranças surgidas... Esta greve foi uma escola para a classe

trabalhadora na Bahia, de impacto muito positivo muito além da microrregião do Planalto da Central e do Estado da Bahia.

Na CPT, Eliana era responsável pelos estagiários e estagiárias.”

Uma ideia feliz da CPT foi dar oportunidade para que estudantes universitários pudessem se agregar aos quadros da CPT e pudessem estar juntos das lutas dos camponeses e camponesas. Tantos advogados, promotores, juízes, assessores e outros profissionais estão por aí e carregam a marca indelével daquela experiência que, com certeza, tinha a dedicação e o carinho de Eliana.

Ela esmerou-se na defesa dos direitos dos posseiros e posseiras contra a grilagem de terra, violenta e intensa naqueles tempos, como volta a ser hoje. Estão aqui, no CAB, 18 companheiros e companheiras de fechos de pastos de Serra Dourada e Correntina a clamar por justiça contra a violenta grilagem de terra que estão sendo vítimas.

Dois marcos importantes daquela época na repercussão do assassinato do companheiro advogado Eugênio Lira foi: (Lê) “A criação da AATR – Associação dos Advogados de Trabalhadores Rurais na Bahia em 1982, e a CPI da Grilagem de Terra, nesta Assembleia, entre 1979 e 1981, que exigiu grande esforço de Eliana e de toda a CPT em levantar os casos e subsidiar os depoimentos da CPI.

Eliana dedicou-se na defesa dos direitos dos ribeirinhos e ribeirinhas atingidos pelas barragens de Sobradinho e Itaparica, no final dos anos 1970 e início dos 1980. “Terra por Terra na Margem do Lago” era a bandeira histórica daquela luta.

Todas essas lutas rurais tiveram importante expressão e consolidação nos famosos Congressos da CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), época do auge do movimento sindical rural. Eliana acompanhou camponeses e camponesas naqueles três congressos e ajudou-os a defender os direitos dos sem-terra à reforma agrária e dos quilombolas ao reconhecimento de seus territórios.

Eliana, também como luterana, muito contribuiu para o ecumenismo, na CPT e depois de CESE.

Esta intensa trajetória de 4 anos apenas na CPT precisou ser aqui recordada para, mais do que enaltecer Eliana, lançar luz sobre um tempo e uma geração de luta como poucos, entre o povo do campo e os que a ele se juntam, como apoio e assessoria, em solidariedade de classe. Algo muito difícil hoje, quando mesmo na urgente e ainda tímida volta às ruas, falam mais alto os corporativismos e os projetos setoriais, de grupos, pessoas e partidos.

E, pois, justo e oportuno colocar Eliana Rolemberg em posição saliente nesta manhã, para olhar não para ela, mas através dela e de seus atos de toda uma vida, e enxergar os invisíveis (assalariados rurais, posseiros, quilombolas, atingidos por barragem e outros), invisibilizados pela democracia de fachada que vivemos, porque não incorpora efetivamente a maioria, os pobres do campo e da cidade, os que

trabalham e nos sustentam a todos, como cidadãos e cidadãs sujeitos de direitos iguais, não só “perante a lei”, mas no cotidiano árduo na luta pela vida e dignidade.

Que só se tornam visíveis quando aprendem a lutar com quem se dispõe a ajudar, e lutam! Como se impõe, na hora presente, sob tantos golpes e golpistas e tantos maiores retrocessos e perdas de direito para os que trabalham e nos sustentam.

Valeu, Eliana!

Agora, Eliana, cá entre nós, com todo respeito, acho que muito além disso esse título em si não lhe interessa tanto, porque você já era e sempre se fez cidadã do mundo. Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Obrigada Rubens. Dando seguimento, convido Damien Hazard, da Associação Brasileira de ONG e do Elo para fazer o seu pronunciamento.

O Sr. DAMIEN HAZARD:- Bom-dia, Eliana, bom dia a todos, vou falar em nome da Abong, que é a Associação Brasileira de ONG e do Elo, uma organização que está sediada em Salvador que assessora o movimento popular e o movimento social.

Eliana atualmente assume a diretoria estadual da Abong aqui na Bahia junto comigo, não, eu junto com ela e também compõe a diretoria do Elo.

Quero começar com algumas palavras, frases e colocações que foram expressas pelos companheiros e companheiras de luta da Abong e do Elo, que reagiram à notícia do título de Eliana. Essas palavras, essas colocações começaram primeiro com a ideia, muitas vezes repetidas pelos companheiros e companheiras, que é um título bastante merecido. Esse título para nós tem um sentimento muito forte porque ela merece esse título. E ao mesmo tempo, estamos dividindo uma palavra e um sentimento que é a nossa alegria. De uma certa forma, estamos nos sentindo como sendo também homenageados. Por quê? Porque associamos a Eliana outras palavras, que emanam dela e acabaram repercutindo em nós, que são as palavras de inspiração, compromisso e energia positiva. O caminho de Eliana é o caminho da democratização do Brasil, do fortalecimento da cidadania do País. É a nossa luta, é a nossa história.

O caminho dela é baseado na relação com pessoas e organizações de pessoas que, como ela, e com ela, buscaram e buscam a transformação social, a construção de um outro mundo possível baseado na justiça social e ambiental.

Uma perspectiva histórica do processo de democratização do Brasil poderia ser desenhado com a própria caminhada de Eliana, que passou por todos os momentos com um papel revelante de liderança nas organizações que integrou. Na CESE, no Ceas, na CPT, que aqui estão representados. O próprio Elo surgiu dentro da CESE com o apoio direto de Eliana. E hoje Eliana está muito atuante no grande debate da democracia, como ela sempre esteve, aliás, que é a questão da democratização das

relações Estado/sociedade e principalmente das relações Estado e sociedade civil organizados.

A Abong surgiu com esse mesmo propósito. Temos que reconhecer que o Brasil possui uma tradição histórica de criminalização dos movimentos sociais. Tradição histórica de criminalização, o que dá toda importância à luta por uma legislação que reconheça o papel das Organizações da Sociedade Civil no controle social, que favoreça o seu acesso a fundos públicos em nome do interesse público, com base em mecanismos transparentes e democráticos.

O atual processo em curso de implementação do MROSC – Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil – é um passo fundamental nesse sentido. E a Bahia se destaca. É um debate fundamental inclusive no atual contexto de golpe, que também é um contexto de resistência como mostraram as manifestações de ontem. O protagonismo do Estado da Bahia no MROSC – Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil – a colaboração entre governo e sociedade civil que aqui na Bahia se estabelece, se configuram como um ato de resistência no contexto do desmonte da institucionalidade democrática. Eliana ocupa um lugar de destaque nesse processo como representante da sociedade civil, nas plataformas baianas e na nacional do MROSC, Marco Regulatório das Organizações da Sociedade Civil.

Sinto-me honrado em poder falar, poder prestar esta homenagem em nome destes coletivos, do Elo e da Abong, para esta linda e poderosa mulher que nos inspira e nos transmite tanta energia positiva, com tanta simplicidade e tanta determinação!

São as Elianas, as Dilmas, as Fábias, as Lúcias, as Neusas, as Vilmas, as Sônias, as Valdecis e as Catarinas, entre outras, que constroem este Brasil de resistência e de esperança.

Finalizo lembrando que nós temos ainda, eu e ela, além da Abong, outros pontos em comum. Eliana foi exilada na França, veio à Bahia nos anos 79/80, morou na periferia de Paris, não muito longe de onde eu cresci e passei minha infância antes de vir para cá. No meu caso, não como exilado, mas adotado no final dos anos. E aí nos encontramos aqui na Bahia nos caminhos da cidadania.

Esta é a Bahia e o povo baiano da contemporaneidade.

Parabéns, Eliana!

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Agradecemos a Damien.

Faremos outra homenagem para a nossa querida Eliana através de um vídeo.

(Apresentação de vídeo.) (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Muito lindo!

Participaremos de uma apresentação muito significativa quando celebramos a vida desta mulher tão aberta a tudo, voz forte, e falamos de ecumenismo.

Convido o Coral Ecumênico para se apresentar, sob a batuta do maestro Jean Prado. (Palmas)

(Apresentação do Coral Ecumênico.) (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Muito obrigada. Belíssima apresentação.

Registro e agradeço a presença de Julieta Palmeira, secretária de Estado de Política para as Mulheres. Saúdo a presença das vereadoras Aladilce e Marta Rodrigues; vereador Sílvio Humberto; subtenente Carmen Lúcia e representando o chefe da Casa Militar do governador, Coronel Gomes.

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Dando continuidade, convido agora, da Coordenadoria Ecumênica de Serviços, o companheiro José Zanetti.

O Sr. JOSÉ ZANETTI:- Saúdo a deputada Neusa, os demais, assim como esta plenária.

Bem, nesses tempos difusos, pela levada dos oradores, procuramos nos dirigir um pouco para falar de uma história tão rica, verdadeiramente, como álibi para relatar a história do Brasil e a história da resistência à ditadura. Esta é uma homenagem muita oportuna neste tempo em que vivemos.

(Lê) “Bem, minha cara Eliana, você vem da dura resistência, das 'catacumbas', do submundo do MCD (Movimento Contra a ditadura) que a nossa organização Ação Popular lançou, salvo engano, depois do AI-5, só poderia estar comprometida com a vertente identitária dos direitos humanos. Certamente, não tínhamos o domínio, em sua inteireza, da Declaração Universal, tampouco sabíamos que esta foi a grande inspiração para a criação da Cese (Coordenadoria Ecumênica de Serviço), em 1973, nascida ao final do governo mais tirano, no de Garrastazu Médici, e tem a ver com sua própria trajetória pela democratização do País.

Agora, ao rever uma de tuas marcas como socióloga, militante e ex-diretora da Cese, percebe-se a tua predileção pela questão agrária. Constatamos que esta também foi uma preocupação marcante do Enilson Rocha Souza, a quem você sucedeu na condução do nosso dia a dia, tanto pelas preocupações com os rumos da reforma agrária, onde sempre dialogava com o Zé Francisco, presidente da Contag, como nas lutas dos assalariados agrícolas, dos trabalhadores do café, na região de Conquista, ainda pela CPT e CEAS, com as massivas greves dos canavieiros do Nordeste que, sempre, apoiamos. Quando você veio para a CESE – em 1983, não foi? –, o MST já estava de vento em popa. E, preocupados com as tensões dos movimentos no campo, nós fizemos uma consulta buscando potencializar e convergir as concepções e programas. Afinal, o nosso papel era, como sempre, entender e tratar os conflitos como as justas contradições no seio do povo, como diria Mao Tsé-Tung.

Mas o tempo rugue. E, no breve lapso em que me é dado pra te homenagear em nome da Cese, quero falar que você, seguindo os passos de Enilson, foi, politicamente, ousada e se soltou nas interlocuções com as agências ecumênicas de cooperação que sempre foram e continuam sendo os nossos maiores apoiadores. Some-se a isso, a rápida percepção em valorizar e ocupar espaços do papel da Cese no mundo ecumênico.”

Cito a nossa amiga Júlia Esther, a quem, agora, envio um abraço, porque a mesma está impedida de estar aqui em função de uma reunião com as agências.

(Lê) “A ‘família ecumênica’ – lembrava, ainda ontem, a nossa amiga Júlia Esther – fica, muitas vezes, enredada. E Eliana, na Cese, teve um papel relevante na aproximação com as demandas e com os movimentos, especialmente o impacto dos grandes projetos, as grandes obras de infraestrutura que atropelam populações tradicionais, sem qualquer atenção compensatória ou de respeito ao modo de vida e de sua reprodução.

Há algumas siglas que devem ser estranhas a esta plenária mas vale a pena destacar. Há o PAD (Processo de Articulação e Diálogo) e se trata de articulação de agências ecumênicas europeias e seus beneficiários no Brasil. Há o CLAI, ou seja, o Conselho Latino Americano de Igrejas.” Quanto a este último, o CLAI, Eliana participou ativamente com um papel relevante nas relações com *los hermanos*. (Lê) “Há o Conselho Mundial de Igrejas (CMI) que reúne mais de 300 igrejas protestantes e do mundo ortodoxo e a sua sede situa-se em Genebra.”

A Cese nasce com o apoio do Conselho Mundial de Igrejas. Agora, lembro-me de um dos liames importantes que foi o papel de Charles Harper como militante histórico de direitos humanos e amigo de décadas de Eliana. O seu papel era o de ser solidário às vítimas da ditadura em nosso continente.

Valeu a pena, porque sementes germinaram como o Fórum Ecumênico do Brasil que obtive, em Eliana, umas destacadas animadoras. Há uma lembrança especialmente cara. Trata-se da figura do metodista Edvaldo Padilha, herói da resistência à ditadura e atuou forte dentro do Conselho.

Eliana foi presa com ele e ambos sofreram os horrores da ditadura. Sem querer remoer muito, mas os tempos de recessão nos obrigam. Eliana não foi só, arbitrariamente, presa, privada, ilegalmente, da sua liberdade, mas ela foi sequestrada, humilhada, torturada física e psicologicamente, passando ainda pela aterrorizante prova de ameaças de violência contra a sua filha recém-nascida. Depois de terem saído, ambos voltaram a se encontrar em um ambiente ecumênico. Mais tarde, não por acaso, Edvaldo foi assessor da Comissão Nacional da Verdade. Ele estaria, agora, conosco, mas ele não pôde por causa de problemas de saúde.

Outra amigona de Eliana é Elsa Lobo. Ela participava, também, da Ação Popular. Essa era engajada politicamente e foi exilada. Ela era uma ferrenha defensora da saúde pública. Ela relembra que, em seus depoimentos, um dos momentos mais marcantes de Eliana, como coordenadora do projeto da Cese, em

nossos encontros nos Programas de Pequenos Projetos, quando se abriu espaço para as fabulosas discussões contemporâneas, na verdade, sobre a participação em tempo de crise como os Movimentos Sociais e Conselhos de Políticas Públicas. Nesse processo, eram envolvidos técnicos, administradores, lideranças populares do campo e da cidade, além de representantes de diferentes igrejas na celebração dos cultos ecumênicos. E, nos encerramentos dos encontros, apontava, sempre, em direção à esperança.

Sobre a sua gestão, Eliana, vale, ainda, destacar o trabalho de aproximação das igrejas locais em atos comuns juntos às delegações de igrejas que conformam a institucionalidade da Cese no intuito da conversão de uma relação politicamente solidária frente aos desafios da sustentabilidade e de permanente sintonia de aproximação com as demandas das populações mais vulneráveis, dos movimentos, redes, novos atores sociais. Assim a Cese nasceu para servir e fortalecer.

Da perspectiva ecumênica sob sua gestão, a Cese evolui para o diálogo inter-religioso com ênfase na aproximação com as expressões de fé de matiz africana ou como eles mesmo gostam de denominar-se: “Povo de Terreiro”. E isso não é pouca coisa se imaginarmos o quanto o neopentecostalismo e mesmo os grupos carismáticos católicos hostilizam o candomblé. A querida Macota Galdina e o Mestre Jaime Sodré que o digam. Muito pior está agora com a onda conservadora internacional e o mito da teologia da prosperidade exacerbadora do salvacionismo individualista.

(Lê) “E foi assim o teu belíssimo trabalho com a intrincada discussão sobre subjetividades e multiculturalidades, novas relações e por equidade de gênero, a homoafetividade e suas variantes, a força dos encantados, a utopia do bem viver e da justiça ambiental, a superação do racismo e do machismo que se escondem em cada um de nós.

Assim nós amadurecemos em nossos seminários de planejamento ao lado de políticas que são referenciais como o direito à cidade, à terra, à água e ao território, ao trabalho e à renda, a uma quarta e importantíssima dimensão, no vasto campo dos direitos humanos, que é o direito à identidade na diversidade. Bem, a equipe ficou animadíssima com a novidade. E a Eliana nos deu a devida cobertura.

Por fim, Eliana, gostaria de dizer que, passados os mais de 40 anos do testemunho da Cese e teus JD anos de fértil contribuição e apoio de sua equipe e das igrejas e agendas que lhes dão suporte, você soube passar o bastão para uma admirável teóloga feminista que é a pastora presbiteriana Sônia Mota, mulher vibrante e cheia de luz para continuar incendiando a sua equipe e a rede de colaboradoras.

Bem, me coube a honra de representar a Cese neste merecido ato de entrega do Título Honorífico de Cidadã Baiana conferido pela combativa deputada Neusa Cadore. Esta última, também, é uma ardorosa defensora da reforma agrária e da justiça no campo. A escolha, claro, tem a ver com o nosso passado. Espero ter dito e expresso o sentimento da equipe.

Associo a resiliência de Eliana a um pedaço da música Maria, Maria de autoria de Milton Nascimento:

'Mas é preciso ter manha

É preciso ter graça

É preciso ter sonho sempre

Quem traz na pele essa marca

Possui a estranha mania

De ter fê na vida.'"

Obrigado. (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Obrigada, Zanetti.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Dando continuidade à nossa homenagem, convido Marizélia Lopes, do Movimento de Pescadores e Pescadoras da Ilha de Maré. (Palmas)

A Sr^a MARIZÉLIA LOPES:- Bom-dia a todos e a todas.

Estou com umas pequenas anotações aqui, mas isso não quer dizer que vou falar menos. (Risos)

Venho de Ilha de Maré. Mas estou aqui enquanto Coordenação Nacional do Movimento de Pescadores e Pescadoras. Venho falar não só sobre este movimento mas, também, venho trazer a diversidade existente dentre os povos tradicionais do nosso Brasil, portanto, todos os povos tradicionais do nosso País.

Início a minha fala dizendo isso porque é bom a gente registrar que Eliana representa uma pequena parte desse povo, dessas pessoas que têm a sensibilidade para reconhecer, não só na fala, que existe essa pluralidade no nosso Brasil; (palmas) que existe um povo que precisa de um cuidado diferenciado; que existe um povo que precisa de um olhar, de uma luta diferenciada.

Se já é difícil, no mundo urbano, demonstrar o valor, o potencial das mulheres, imaginem isso no campo, nas águas, nas florestas. Então, Eliana é uma das poucas pessoas que bota em prática o cuidado, a fala, o reconhecimento desses povos.

Neste dia, estando nesta Casa, a gente chama a atenção de todos vocês para que tomem como exemplo essa dedicação, essa luta mesmo, essa prática que a companheira vem exercendo ao longo dos anos nos vários espaços por onde passou.

Ela teve um papel fundamental para chamar a atenção, principalmente da sociedade, para o que acontece com esses povos, com essas comunidades.

É inadmissível a inércia que a gente está vivendo, enquanto pessoas no poder, em não lutar com mais força, tomar partido político mesmo, não ficar em cima do

muro e reconhecer que as leis, os decretos, as PECs não podem ser vistas sem se levar em conta a diversidade, sem se levar em conta a especificidade.

Então, a gente aproveita a festa para poder chamar a atenção.

Gostaria de registrar que, no dia 8, Eliana deu mais uma demonstração dessa sensibilidade. Ela teve a oportunidade de falar e o fez emocionada em ver as águas e a terra, o MST e o movimento dos pescadores se juntarem. Em sua fala, passou uma emoção – fico de novo arrepiada – que é a demonstração dessa sensibilidade. Vamos chamar a atenção para isso.

Aproveito para chamar Beth, traga também a bandeira do MST, porque a gente quer dar esse presente para Eliana. Estamos juntos, MST, o movimento dos pescadores, o MAB, os indígenas, enfim, todos os movimentos sociais, para dizê-los que vocês são também fruto dessa sensibilidade cuja formação Eliana nos ajudou a realizar até chegarmos a isso: a unidade dos povos e comunidades tradicionais. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Dando continuidade, convido, agora, o companheiro Rafael Soares, diretor-executivo da Koinonia Presença Ecumênica e Serviço, para fazer a sua fala.

O Sr. RAFAEL SOARES:- Oxente, não imaginava que ia ficar tão emocionado.

Bom dia a todas e a todos, bom dia, deputada Neusa, bom dia, Eliana, minha querida, eu sei que estou aqui falando também em nome do Anivaldo Padilha, um amigo de 50 anos a quem seria impossível substituir, sentindo-me humildemente homenageado por estar retribuindo essa homenagem, um pequeno amigo de só quase 30 anos.

Nós estamos, de fato, homenageando uma cidadã do mundo, como o nosso amigo Rubens já disse, ao conceder essa cidadania baiana simbólica. Gostaria de pedir a todos e a todas que dessem as mãos às pessoas que estão ao lado para lembrar desse momento que estamos vivendo, mundial, nacional, de desrespeito à humanidade, ao humano, ao que é ser humano. Sintam, são mãos, são corpos, é gente com gente que estão ao lado do outro.

Eu sei disso, obrigado, Eliana sabe disso: Anivaldo gostaria de estar aqui para lembrar da “Jangada”, essa “Jangada” que vocês nunca abandonaram. Para quem não sabe, essa música é a que eles cantavam quando os companheiros eram levados, eles ficavam nas celas cantando, esperando que os companheiros voltassem da tortura ou do que fosse feito com eles. Por isso, a “Jangada” foi cantada, por isso, a “Jangada” é tão importante para eles.

Quero pedir licença para vocês neste momento, em que a gente está aqui, quantos jovens negros já morreram, quantas mulheres já não foram surradas ou já

morreram, quantas pessoas transexuais não foram agredidas nesse fim de manhã?

Quero lembrar a vocês que a construção da democracia, a construção dos direitos humanos é uma coisa cotidiana, e homenagear Eliana é lembrar disso.

Peço licença para contar um conto iorubano.

Ogum, em seu reino, uma vez ele teve que sair e pediu a Oxaguiã: cuide de meu povo! Mas o povo, tão amante de Ogum, resolveu construir um castelo para ele. Oxaguiã é o Deus do tempo e da reconstrução e do hoje, Oxaguiã cuidava desse povo. Quando eles construíram o primeiro castelo, Oxaguiã chegou, olhou e destruiu o castelo, façam outro!

E assim foi, uma, duas, três, todas as vezes, até que Ogum chegasse, e aquele povo se tornou um exímio construtor de castelos maravilhosos. Eliana, você é uma dessas. Nós sabemos que o golpe vem destruindo, e precisamos de gente como você, que é dessas que sabe reconstruir e trazer, para a gente, esperança.

Em nome disso, dela, que é minha irmã de Iemanjá, quero convidar Ekede Sinha, minha irmã no Terreiro da Casa Branca – por favor, minha irmã–, para cantarmos uma oração para que Oxaguiã nos proteja e ajude a aprender a reconstrução com a amiga que é Eliana, uma construtora de democracia, de direitos, que já tem isso impregnado em seu sobrenome.

A Sr^a EKEDE NICINHA:- Meus respeitos a todos, Eliana, você é a pessoa que, quando a gente não consegue abraçar e afagar perto do coração, a gente ora.

(Começa a fazer a oração.)

Que o senhor do tempo, de todas as possibilidades continue nos fortalecendo e nos dando essa força vital. Boa sorte! (Palmas)

O Sr. RAFAEL SOARES:- Sejamoss dessas! Obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Agradecemos.

Queria registrar que a senadora Lídice da Mata não se encontra presente por estar em Brasília, mas está aqui a sua assessora Maria Helena Souza.

Também o deputado Robinson Almeida não pôde vir, mas gostaria de ler uma mensagem que ele nos enviou. Ele está aqui representado por Fabrício Araújo de Santana, seu assessor, que pediu-me que lhe passasse a mensagem.

(Lê) *“Associo-me à deputada Neusa Cadore no justo Título de Cidadã Baiana concedido à querida companheira Eliana Rolemberg. De mulher para mulher essa homenagem realça ainda mais a identidade de gênero tão presente nas comemorações desse mês de março.*

Eliana é daquelas lutadoras essenciais ao Brasil, que resiste ao desmonte social ora em curso pelo governo golpista do ilegítimo presidente Temer. Sua visão

de mundo e sua práxis política inspiram a todos nós. Quando trabalhava na Secretaria-Geral da Presidência da República, durante o governo Dilma, tive a oportunidade de conviver com Eliana na construção do marco legal das organizações da sociedade civil. Sua dedicação e seu compromisso nessa causa são marcantes. Eliana há muito tempo come farinha com pimenta e gosta do dendê.

Hoje se transforma em direito o que há décadas é um fato.

Eliana Rollembrg baianíssima!

Robinson Almeida – Deputado Federal”.

Eliana, há muitas outras pessoas que dariam tudo para estar aqui neste momento, nesta celebração. Duas pessoas que não puderam estar conosco enviaram uma mensagem para você que vai ser apresentada agora.

(Apresentação de vídeo.) (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- João Pedro é mais conhecido, mas quem vai falar agora é Anivaldo Padilha, também um amigo muito especial.

(Apresentação de vídeo.) (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Dando continuidade, passo a palavra a Fabya Reis, secretária de Promoção da Igualdade Racial, representante do governador Rui Costa.

A Sr^a FABYA REIS:- Primeiro, bom-dia a todos e todas, também quero pedir licença e a benção às mais velhas. Mãe Rose, que está aqui, fez os ritos iniciais, Ekedí Nicinha, Pastor Djalma, que está conosco. Cumprimentar a proponente da sessão, deputada Neusa Cadore, e parabenizá-la por nos oportunizar estarmos, aqui, rendendo homenagens a nossa irmã baiana, a nossa companheira Eliana Rolemberg.

Nesta manhã, em que a gente pôde parar, desde que sentei ali... Eliana, muito emocionada – acho que o Plenário inteiro e toda esta Mesa igualmente emocionada, Eliana –, porque as memórias vão surgindo com muita intensidade e com muita força. E neste momento é de fato difícil separar a razão da emoção. E a gente faz esforço – não é isso, companheiro Zanetti?– de estar aqui inteiro para passar a mensagem.

Quero saudar, portanto, em nome da deputada Neusa Cadore, toda a Mesa e trazer, Eliana, um abraço do governador da Bahia, Rui Costa, e agradecer profundamente pela sua construção da nossa Bahia e do nosso Brasil.

Mas quero dizer também do nosso encontro, Eliana. Não tenho como ficar, na minha trajetória contigo, apenas no marco institucional; porque estão aqui conosco um conjunto de companheiras das lutas sociais, que você reivindica ser uma forma também de visibilizar, cada vez mais, aquilo que você, ao chegar aqui, assumiu como compromisso de vida: as lutas sociais, as lutas coletivas. Por isso nós temos aqui na Mesa representada, Marizélia, e você nos emociona ao propor essa aliança entre os diversos movimentos populares. E nesta manhã a gente pôde dar as mãos, trazidos aqui nessa referência de irmandade. Porque você, Eliana, sempre esteve preocupada

em forjar referências e o processo de militância para que a gente não parasse a luta social. Lembro bem porque eu era bem juvenzinha quando iniciei lá com minha companheira Lucinha e companheira Beth, com todos os meus da coletividade do MST, nós tivemos o primeiro apoio da Cese, que foi para formação de lideranças. Então eu acho que essa é uma marca importante que a gente pôde compreender na sua trajetória.

Você, ao chegar aqui, faz parte de coletividades, você representa o refletir. E Zanetti pôde dizer aqui sobre a honra que ele teve em falar daquele coletivo da Cese, que você ajudou a construir. E quanto coletivo também, de alguma maneira, todos nós aqui nos conectamos com eles, porque sabem, de fato, o valor da militância, o valor da defesa da democracia no nosso País, que é construído a duras penas de sacrifício de pessoas como você.

As homenagens que você recebeu aqui, elas são poucas diante da sua força, da sua coragem e da sua vivência em compartilhar conosco, diariamente, esses exemplos de solidariedade.

Então, nesta representação me sinto muito honrada em falar da nossa consolidação coletiva com a sua contribuição. Dizer que esse rito de passagem, e como já disse Rubens, aqui, você que é cidadã do mundo e hoje legitimamente oportunizada por essa sessão da deputada Neusa Cadore, já nasce baiana grande. Uma baiana que chegou aqui e construiu conosco as nossas bandeiras de lutas. Esta é, portanto, uma manhã de reconhecimento: manhã de reconhecimento dos povos tradicionais; manhã de reconhecimento da luta por direitos humanos; manhã de reconhecimento da luta pela reforma agrária; da sua trajetória; do seu compromisso. E a Bahia te acolhe e te parabeniza, está ali na frase, por seu compromisso. Mas a gente também sente muito orgulho por poder dizer que recebeu, em algum momento da vida, um conselho, um olhar solidário. A sua sensibilidade é inspiradora para todos e todas aqui.

Então, não é fácil, Damien, quando a gente pôde, inclusive no conjunto dos diferentes momentos de aprendizado, o esforço que nós temos, e hoje no desafio da institucionalidade, saber que precisamos contar, sim, com as organizações da sociedade civil para fazer o Estado chegar aonde ele não chega. E, já estando na Sepromi, na luta antirracista, na luta de defesa dos direitos dos povos tradicionais, nós, com auxílio inclusive da companheira Eliana, que faz parte da comissão que construiu os novos marcos regulatórios, foi fundamental.

Nós, pela Sepromi, vereador Sílvio Humberto, tivemos a oportunidade de lançar o primeiro edital a partir desse marco, que é uma conquista de defesa das organizações da sociedade civil. E lá estávamos, Eliana mais uma vez nos orientando, compartilhando essa experiência, essa construção para que a gente possa, sim, estando na institucionalidade, também cumprir a nossa missão institucional da melhor maneira possível. E nós lançamos esse edital pioneiro com a sua contribuição. Sem dúvida, sem ela não teria sido um edital referência, porque ali estavam expressas as reivindicações da construção da luta coletiva das organizações da sociedade civil.

Então, são nos momentos cruciais, Eliana, seja na reforma agrária, enquanto militante, seja enquanto nós estamos na tarefa da institucionalidade, você com seu bom conselho, com a experiência, traduzindo as nossas lutas coletivas, sabe nos chamar a boa orientação.

Então eu lhe agradeço, a Bahia agradece, o governo do Estado, através do nosso governador, agradece por suas contribuições, porque elas são as extensões das lutas coletivas. Isso a gente tem que reiteradas vezes repetir. Mas é também na luta coletiva, a gente sabe, que estão os nossos compromissos, porque estão aqui o neto, a filha, o companheiro, Tatiana, Igor, Seu José, a prima. São momentos em que sabemos que sacrificamos também essas horinhas de sossego. Mas a gente não separa, a gente, que é ativista dos direitos humanos, da democracia, da luta social, em diferentes lugares, iremos sempre recuperar de que a gente não separa a nossa vida pessoal da nossa luta coletiva, porque o importante é a gente saber o lado que nós estamos e que nós temos, sim, cada vez mais perseverantes, aprofundar o processo democrático do nosso país, não deixar que os direitos dos trabalhadores e das trabalhadoras retrocedam. E, se preciso for, a gente tem que chamar ao bom conselho e ao bom apontamento. (Palmas)

E a nossa tarefa institucional é essa, em conjunto com as organizações fazer a nossa política de promoção da igualdade racial, de combate à intolerância religiosa. E hoje, aqui, nesta sessão também de homenagem, a gente vê essa convivência e essa militância do diálogo inter-religioso, para que a gente possa ter uma Bahia cada vez mais irmanada, uma Bahia que respeita a diversidade, e isso a gente também vê nessa manhã de reconhecimento à sua trajetória.

Ela me pediu para falar só de coisas boas e de coisas alegres, a sua presença é uma alegria, Eliana, você é uma síntese de coragem, de força, de resistência e de compromisso. Então, para mim é uma honra, para nossas companheiras do MST que estão ali, o tempo inteiro não posso fazer referência, porque a gente sabe quantas vezes fomos socorridas e acudidas pela Ceses, pelos nossos companheiros que estão aqui nesta Mesa tão bem representados.

Então, parabéns deputada Neusa Cadore, por nos oportunizar esse dia de homenagem merecida à nossa companheira Eliana. E, Eliana, muitíssimo obrigada por fazer parte das nossas vidas. Bem-vinda a nossa irmã agora, legitimamente baiana, com acarajé, dendê e pimenta. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Obrigada, Secretária.

Quero registrar a presença do deputado Bira Corôa.

Convidamos Ametista Nunes, integrante do *Grupo Tortura Nunca Mais* e criadora do *Movimento Poetas na Praça*, para fazer também a sua fala. (Palmas)

A Sr^a AMETISTA NUNES:- Um grande beijo para todos vocês, especialmente à Mesa.

Quero, antes de mais nada, agradecer à Mesa a oportunidade que teve de acolher os legisladores culturais, que é o movimento que tenta embasar a cultura, defender a cultura.

E, Eliana, a grande emoção, eu estou emocionada com tanta coisa que a gente viu aqui, e quando a gente é poeta parece que se derrete um pouquinho mais do que vocês. Eu estou feliz em estar aqui e quero dividir essa felicidade com todos vocês. Mas, poeta não faz discurso, poeta recita. Mas, eu vou ler rapidinho dois poemas, porque já me foi exigido cumprimento do horário. Um poema é “*Mulher*”, especialmente para todas as mulheres e em nome da querida Eliana.

(Lê): “MULHER

*Uma mulher tem carências
muito mais que as principais
carências*

*de carne e pão
do pagamento de aluguel
das contas de água e luz...*

*Não só carências
do homem trabalho
do homem consumo...
Tem carências uma mulher
Da transobrevivência do ser
não só de sexo
não só de filhos
não só de teto...*

*Mas carências
de olhos de gato no escuro
de espelho refletindo o sol
de operário crendo no amanhã
de surpresa do dia amanhecendo...*

*Uma mulher, meu amor
muito mais do que percebes
tem carências de acreditar*

*na ilusão da transparência
ser uma pedra na vidraça
viola de seresteiro...
Carências mais importantes, amado
Tem sempre uma mulher de ser
aguardente e devoção
uma lágrima de despedida
uma flecha, um samba – canção
um sentimento e uma revolução!”*

É a própria Eliana, a revolução do dia a dia, do cotidiano.

E outra, Eliana, eu vou recitar, mas é como se você tivesse, mas também eu, sobretudo pela avó especial que você consegue ser, e é muito difícil, viu?

“PRESTAÇÃO DE CONTAS”

*Eu direi
aos meus filhos
que minhas mãos envelheceram
sempre capazes de prestar ajuda
Eu direi
aos meus filhos
que as rugas que marcam o meu rosto
sempre repudiaram a injustiça
Eu direi
aos meus filhos
que minhas pernas cansadas
sempre trilharam o fazer
Eu direi
aos meus filhos
que o meu coração cansado
nunca deixou de pulsar pelo amor
Eu direi
aos meus filhos
que meus olhos nublados*

sempre apreenderam a esperança
Eu direi
aos meus filhos
com voz rouca mas tranquila
fiz o que pude, não me guardei.”

Muito obrigada, Eliana. Obrigada a todos vocês. Muito obrigada! (Palmas)
(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Obrigada, Ametista. Uma pérola, não é?
Agora teremos mais uma apresentação do Coral Ecumênico. (Palmas)
(Apresentação do Coral Ecumênico.) (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Mais uma vez agradecer pela apresentação, agradecer ao maestro Ângelo Rafael e agradecer ao idealizador e diretor do Coral, Pastor Djalma Torres. (Palmas)

Quero registrar a participação do deputado Marcelino Galo, que esteve conosco e convidar a deputada Maria del Carmen para continuar presidindo a sessão.

A Sr^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Inicialmente, parabenizo a deputada Neusa Cadore pela iniciativa de homenagear uma baiana, agora de fato e direito, mas com o seu título com certeza assegurado pelo seu trabalho, pela sua dedicação, pelo seu desenvolvimento neste Estado.

A Sr^a PRESIDENTA (Maria del Carmen):- Concedo a palavra à proponente da sessão, a deputada Neusa Cadore para que faça o seu pronunciamento.

A Sr^a NEUSA CADORE:- Bom-dia a todas e a todos, quero cumprimentar a Mesa cumprimentando a deputada Maria del Carmen, e a nossa queridíssima irmã, companheira Eliana, na pessoa dela, estendo nossos cumprimentos a todos e todas da Mesa.

Hoje, a Assembleia Legislativa do Estado da Bahia tem a alegria, a satisfação de reunir aqui familiares, amigos, amigas, companheiros e companheiras de caminhada para expressar o agradecimento, o reconhecimento a essa legítima cidadã, baiana de coração e agora baiana de direito, Eliana Bellini Rolemberg.

Quero agradecer antecipadamente a todas as pessoas que estão aqui, que nos emocionaram com as suas falas, com as suas vidas, com as suas lembranças; agradecer quem ajudou a organizar esta sessão tão bonita, que é uma celebração.

Quero citar a ABONG, o CEAS, a CESE, a CPT, a todos, a família. Acho muito oportuna esta ocasião de estarmos dando o título a Eliana no mês de março, no mês das mulheres, período em que celebramos conquistas, lutas de companheiras e, com certeza, em Eliana está presente o espírito revolucionário de Margarida; de Maria

Quitéria; de Irmã Dorothy; de Laudelina de Campos Melo; de Luiza Bairros; de Maria Felipa; de Maria da Penha; de Dilma Vana Rousseff, mas eu também estou falando de Eliana, esposa do Rolemberg, mãe de Tatiana, avó de Igor e Mariana.

Se democracia é um substantivo feminino, Eliana Rolemberg pode ser chamada pelo adjetivo 'de luta'. Afinal, como definir uma mulher que há quase cinco décadas dedica sua vida à construção de um mundo melhor? Associar sua homenagem ao debate sobre democracia e direitos humanos é reviver a história de alguém cuja biografia se confunde com as grandes lutas do nosso tempo e com a vida de todos os que acreditam na força motriz da mobilização e participação sociais.

Não é possível falar de Eliana sem destacar a sua resiliência no enfrentamento dos tempos sombrios da ditadura. Não é possível falar de Eliana sem falar do seu engajamento nos movimentos populares, na luta pela terra, na luta pelo acesso à água, pela inclusão produtiva, sem mencionar sua atuação em defesa da igualdade de direitos, de gênero, do combate à intolerância religiosa e do seu compromisso com a justiça social.

Guerreira, sonhadora, destemida. Todas essas qualidades são marcas de uma personalidade firme, mas, ao mesmo tempo, doce, cativante, humilde e generosa.

Em que pese a difícil conjuntura que o nosso País atravessa agora com o avanço do conservadorismo, com a perda de direitos historicamente conquistados, tempo de criminalização dos movimentos sociais, da perseguição aos partidos de esquerda – particularmente perseguição ao Partido dos Trabalhadores –, precisamos mirar no exemplo de lideranças como você, Eliana, que nunca desanimou em nenhum momento.

Em que pese o desmonte das políticas sociais que atingem de forma particular as mulheres, a reforma da Previdência, a reforma trabalhista, que tendem a aprofundar ainda mais as desigualdades de gênero, você, Eliana, é para nós exemplo de resiliência feminina, que tem, sim, tomado as ruas do nosso País, num processo sempre crescente.

E aí, companheira, parafraseando o poeta Bertolt Brecht, quero dizer: 'Há homens e mulheres que lutam um dia e são bons, outros que lutam um ano e são melhores, há os que lutam muitos anos e são muito bons. Mas há aqueles que lutam toda a vida e esses são imprescindíveis'.

Você, Eliana, é imprescindível! Esse momento é uma benção para todos nós. Nosso 'muito obrigada' por compartilhar conosco dos sonhos e das caminhadas, por ser a brisa leve em tempo de tempestades. A Bahia te acolhe carinhosamente pela sua importante contribuição ao Brasil, em particular ao nosso Estado, em todos esses anos de tantas lutas, tantas construções e de tanta esperança. Querida Eliana, parabéns!''.

Passaremos, neste momento, às mãos da ativista, querida companheira Eliana Bellini Rolemberg o Título de Cidadão Baiano concedido por esta Casa. Concedido de coração por cada um e cada uma de nós.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Convido Rolemberg; a filha, Tatiana; o genro, Maurício; o neto, Igor; para passarmos à nossa querida companheira o Título de Cidadã Baiana.

(A Sr^a Presidenta procede à entrega do título.) (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Em nome da Assembleia, de todos e todas que compartilham este momento, passamos às mãos de Eliana Bellini Rolemberg o Título de Cidadã Baiana concedido pela Assembleia Legislativa da Bahia.

(Entrega do Título de Cidadã Baiana.) (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Concedo a palavra à nossa homenageada. (Palmas)

A Sr^a ELIANA ROLEMBERG:- Boa-tarde.

Quero cumprimentar toda a Mesa.

Trouxe as bandeiras como proteção. Disseram que sou corajosa, mas não sou tanto, não. Este símbolo da união de trabalhadoras, quilombolas, pescadoras, trabalhadoras sem-terra me ajuda a ter confiança e conseguir falar aqui. Achei que não chegaria a este momento de tanta emoção

Não começarei os cumprimentos por Neusa, começarei por Ruben, da CPT; Catarina, do CEAS; Damien, da Abong; Zanetti, da Cese; Marizélia, a quem chamo de Nega, do movimento de pescadoras e quilombolas; Rafael, da Koinonia, não só, mas de tantas relações; Fabya, secretária hoje, mas que para mim ainda é Fabya do Movimento Sem-Terra; Eva, recém-companheira da Defensoria, que será, cada vez mais, muito importante nessa luta atual nossa por um novo marco regulatório; Emiliano, que já saiu; e a nossa querida Neusa.

Neusa, não tenho como agradecer-lhe por tudo isso que você me está proporcionando, não tenho. O que tenho é o que eu sempre trouxe nessa relação com você, que é um apreço muito grande por sua história. Aprendi muito com a experiência que você me transmitiu de saber trabalhar com as comunidades, de trabalhar encantada com as mulheres, de trabalhar com a economia solidária, de trabalhar com o povo, de tentar resgatar a dignidade de um município que sequer tinha condições de acesso facilitado. Neusa me mostrou como pode trabalhar com tanta criatividade em âmbito local, e trabalhar em todo o Estado da Bahia. Então, tenho uma admiração muito grande (palmas), e acabei estendendo essa admiração também às pessoas do seu mandato, que são preciosas. Não posso esquecer aqui de Lori e Lorivania. Não posso esquecer aqui outras pessoas que conheci no seu mandato, e que têm colaborado muito, não comigo, mas com as várias lutas.

Neusa e o seu mandato, recebe Koinonia para discutir uma questão de Koinonia, recebem nós da plataforma do marco regulatório, para discutir sobre o encaminhamento dessas relações, governo e sociedade civil, e as inúmeras discussões que temos tido sobre criminalização dos movimentos sociais.

Mais ainda, quero agradecer a Neusa por ter acatado essa forma de ver a homenagem, esse título que ela queria me oferecer. Eu disse que é difícil receber um título assim pessoal. Não gosto dessa personalização. Eu gostaria que fosse um evento político, em que nós pudéssemos partilhar. No meu modo de ver, essa homenagem é coletiva, é uma homenagem à nossa luta.

Tenho vontade de falar de cada um que está aqui. Não são pessoas estranhas, são pessoas que vêm de algum movimento, de alguma fase importante da luta democrática. Então, esse evento é, sim, uma oportunidade de falarmos da democracia, falarmos dos direitos humanos. Acho que mais do que nunca precisamos falar disso.

Antes de entrarmos aqui, conversávamos sobre quando podíamos imaginar chegarmos na situação em que chegamos no Brasil, hoje. Estamos vivendo um momento terrível. Muitos de nós, claro que não todos, viveram o golpe de 64, o Ato Institucional de 68, mas muita gente está vivendo agora o que significa um golpe à democracia.

Eu gostaria de agradecer a Neusa por ter acatado essa proposta, termos podido ouvir aqui um pouco dessa diversidade daqueles movimentos e pessoas engajados em continuar insistindo na construção da democracia.

A CPT, o SESI, o CEAS, a Abong, os movimentos de pescadores ou de populações tradicionais, não temos aqui, mas são os povos indígenas, que sinto representado. Todos esses movimentos estão engajados e não podem perder o rumo.

Estamos vivendo um momento que... Muita coisa já foi dita. Eu tinha preparado o que iria falar e desisti, pois vi que quase tudo já foi falado. Eu só quero assinalar um pouco mais. Quero assinalar a questão da educação. No meu modo de ver, a educação é um pilar, pilar da sociedade, pilar da democracia. Vejo golpistas antigos e novos centrarem esforços para destruir o que é a verdadeira educação.

A gente viu, muitos anos atrás, a destruição de uma contribuição tão importante quanto foi a de Paulo Freire. Nós vimos Paulo Freire sendo atacado como se ele fosse um criminoso, quando ele deu oportunidade de se ter a educação de uma forma muito criativa, de uma forma em que se conhece a realidade e, ao mesmo tempo, se aprende.

E se não temos professores para ensinar? Mas o aprendizado é uma troca de saberes. E os golpistas tentaram colocar isso para debaixo do tapete.

Hoje, o que eles estão fazendo?

Eles estão falando da escola sem partido. Eu acho muito estranho esta nomenclatura: escola sem partido. Eu só consigo entender quando penso no ódio provocado na sociedade contra o PT. Esse ódio faz com que se veja em tudo uma partidarização.

Quem defende uma escola em que a juventude possa se envolver, perguntar, participar, quem defende o ensino da sociologia defende a educação. Há anos, defendíamos a introdução da matéria sociologia no 2º grau e a sua introdução foi uma luta muito difícil. E, repito, com muita luta, nós conseguimos introduzir. Agora, eles

querem tirar matérias como a sociologia, querem tirar a filosofia, querem tirar a questão fundamental da cultura.

Como pode ser isso?

Então eu queria só assinalar esse ponto, pois, me parece, que o mesmo não foi tão enfatizado. Bem, quanto à questão da educação, nós não podemos permitir mudanças negativas se nós continuarmos firmes na construção da democracia no Brasil. (Palmas)

Nós trouxemos aqui tantos exemplos. Quando falo nós, falo das pessoas que se expressaram, exemplos importantes da luta pela reforma agrária, a luta dos assalariados, a luta das comunidades urbanas, a sociedade civil organizada tentando resgatar o seu verdadeiro espaço na relação com o Estado.

Foi trazida aqui a questão da diversidade. Zé Neto falava da questão do direito à identidade na diversidade. Toda essa luta foi para que a diversidade possa se expressar e dar uma unidade possível nessa diversidade, a fim de surgir, realmente, esse movimento forte que reivindique direitos, não direito de alguns, mas direitos em todas as dimensões, direitos sociais, culturais, econômicos, ambientais. Que essa unidade faça a nossa força.

Eu senti que muitas e muitas coisas foram ditas. Senti, sobretudo, nessas duas bandeiras, uma alegria tão grande. Ainda bem que já chorei tudo antes. Não preciso chorar mais de ver o quanto a gente batalhou.

Eu senti uma alegria de ver o quanto a gente vai fazer. Meu Deus, os movimentos estão divididos em um momento em que a gente tinha de estar unidos. Havia a Contag de um lado; a CUT, do outro, o Movimento Sem Terra, de um outro. E a gente batalhava para eles se conhecerem. E, ao se conhecerem, os pontos comuns vinham à tona. Hoje, aqui, vejo, trazidos pela Nega e pela Beth, essas duas bandeiras que se juntam. Isso é maravilhoso e muito importante. (Palmas)

Eu quero dizer, também, que a gente precisa seguir. Vejo que, aqui na Bahia, a gente começou muita coisa. Mas não é só a Bahia. Isso é interessante. Hoje, os que primeiro chegaram aqui foram os amigos sergipanos, nossos companheiros, (palmas) da época da CPT de Propriá, com o saudoso Dom José Brandão. Então, temos aqui a força dessa diversidade que está aqui presente, pessoas comprometidas.

E aí eu quero trazer – como sempre faço quando vou falar algo que tem alguma coisa a ver com a prisão – o momento em que a gente sofreu na ditadura militar. Quero trazer esse tema porque dedico este momento às pessoas desaparecidas, mortas, assassinadas que não podem estar conosco. Mas eu me lembro sempre, especialmente, de três. Com isso não quero dizer que não estejam os outros, não é, Diva?

Pois bem, lembro-me muito do Paulo Wright, querido companheiro, presente! (Palmas) Lembro-me da companheira Heleny Guariba, presente! (Palmas) Com ela compartilhei celas. Heleny foi solta de uma maneira que ninguém entendia, diante de

tudo que havia de acusação sobre ela. Sabíamos que seria assassinada. Ela constava em todos aqueles quadros de desaparecidos. Mais recentemente soubemos que ela foi brutalmente torturada até a morte, naquele lugar no Rio de Janeiro, a “Casa da Morte”. E não posso esquecer o companheiro Jorge Leal, (palmas) companheiro baiano de grandes batalhas. Assim como também não posso esquecer das pessoas que gostariam de estar aqui e não puderam. Fiquei muito emocionada ao ver João Pedro e Anivaldo falando. E há outras pessoas que gostariam de estar aqui, como Leonardo Boff, Paulo Carbonari e a Romi, do Conic.

E dedico não só a eles. Quero dizer que, desde que pensei nesse evento, pensei em dedicar este momento, primeiro, às mulheres, porque este é um evento que Neusa sabiamente escolheu para ser realizado no mês de março, mês de luta das mulheres, em especial. (Palmas)

Quero dedicar também à juventude. Não só à juventude organizada no levante, nos fóruns de luta, mas também à juventude que quer entender a realidade, a juventude que tem gana de participar desse processo; a juventude negra, a juventude que vem sendo exterminada. (Palmas) Enfim, à juventude em todas as suas formas.

Quero também dedicar aos velhos e às velhas militantes. Estou vendo um deles lá atrás, não é, Oldack? Velhos militantes que não desistiram da luta, que trabalharam, militaram, labutaram e continuam acreditando.

E, finalmente, às pessoas que são ávidas de conhecimento, de aprofundamento sobre a luta democrática, sobre os direitos e que fazem parte dessa grande diversidade, para que a gente possa encontrar a força necessária para derrotar essa nova tentativa de golpe. (Palmas) E eu não posso deixar de dizer: é um evento político, como eu queria que fosse, mas, ao mesmo tempo, é um evento também que traz as questões pessoais.

Eu queria agradecer à Sônia, ao Juarez que vieram de Niterói para estarem aqui juntos; a Ada que veio de São Paulo, desde a universidade trabalhamos juntas, e queria agradecer a paciência da minha família, de Rolemberg, da Tata, do Igor, da Mariana, que não pôde estar aqui, e do Maurício, a paciência, porque essa militância, esse engajamento, às vezes, traz sacrifício para a família. Lembro-me de Tata me dizendo: “Mãe, eu cresci vendo você viajando, viajando, viajando.” Claro, a luta exige, muitas vezes a gente tem que se deslocar, a gente acaba sobrecarregando a família. Eu queria agradecer essa dedicação de vocês e a paciência de todos.

Eu queria agradecer também às pessoas que ajudaram para que este evento fosse possível. Porque não foi um evento que contou com tanto apoio institucional para divulgação, o mandato se desdobrou, foi feita uma série de divulgações boca a boca, e a gente viu esta sala cheia. Eu queria agradecer à Serin, à Kelly, não estou mais vendo a Kelly, da Serin; eu queria agradecer a plataforma do marco regulatório das organizações da sociedade civil da Bahia que tem várias pessoas aqui presentes e que ajudaram nessa divulgação.

Eu queria agradecer também ao pessoal de Sergipe que ajudou, à Abong, todas as pessoas que ajudaram. Especialmente, contei com o apoio de Vera Rocha, ela e Bruno me emocionaram, (Palmas) mas ela não mediu esforços para ajudar que este evento fosse possível, que fosse feita essa linha do tempo, que ela mesma acabou lendo. Vera colocou toda equipe do seu trabalho à disposição. Então, não posso deixar de reconhecer.

Quero também falar de uma pessoa chamada Joviniano. (Palmas) Todo mundo conhece Joviniano Neto; Joviniano da Comissão da Verdade; Joviniano foi presidente da ASEB, estou vendo aí companheira da ASEB, da Associação dos Sociólogos do Estado da Bahia. Mas Joviniano foi sobretudo uma pessoa, ele e a esposa dele Vânia, que nos acolheu na Bahia, não agora desde 79, mas naquele momento da semiclandestinidade, num momento em que eu e Rolemberg viemos para aqui e eu fui para Candeias, Rolemberg foi para a região do cacau, tinha a minha filhinha recém-nascida, quase morre de desidratação, porque estávamos em situação bastante difícil de vida, e Joviniano nos acolheu. Não vamos esquecer nunca, Joviniano. (Palmas)

Bom, como eu disse, a minha vontade é falar de cada uma e cada um, porque estou vendo tanta gente querida, tanta gente importante, eu quero que vocês saibam que todas e todos vocês que estão aqui fazem parte disso. Eu agradeço a todas e a todos.

E queria dizer, Neusa, que nós, com a CPT, o CEAS, a CEV, a Abong, o Koinonia, pescadores e pescadoras, trabalhadores e trabalhadoras rurais, seguiremos em frente resgatando os valores democráticos e defendendo os direitos humanos.

Como baiana me junto a vocês conclamando a Bahia, que ultimamente tem tomado posições firmes - como tomou, por exemplo, lá no Congresso no momento em que se discutiu o *impeachment* -, a ajudar o Brasil a resgatar a democracia e se construir como um País que respeite os nossos direitos. Que a gente não deixe passar esta reforma da Previdência, que a gente não deixe passar esta reforma trabalhista e, sobretudo, que a gente não deixe destruírem a Constituição de 88.

Sei que muita gente que está aqui batalhou demais na época da constituição da Constituinte, em que fazíamos debates e mais debates sobre todos os temas que eram tratados para que conseguíssemos assinaturas e conscientizássemos a população. Então, como é que hoje esta Constituição pode ser rasgada?! Não pode! Não podemos deixar que de novo se discuta a questão da raça, do racismo! É uma coisa que já tínhamos conquistado, a luta contra o racismo, que também na Constituição daqui da Bahia nós conseguimos colocar.

Vamos ter o respeito pelas várias religiões! Não vamos deixar que nenhum direito conquistado seja perdido! Vamos todas e todos juntos!

Fora Temer!

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Neusa Cadore):- Convido Vera Lúcia, ex-secretária de Mulheres, para também fazer uma homenagem à Eliana.

Antes de encerrar, para ser justa, gostaria de registrar a presença de muitas entidades, organizações que foram importantes e têm um significado grande no dia de hoje como o MOC, a Rede Pintadas, Avanti, AATR, a Igreja Batista de Nazaré, o Terreiro Casa Branca, o Terreiro Ogum Mariú, o Sindicato de Assistentes Sociais da Bahia, Ordep Serra – professor da UFBa, o Sindomésticos de Salvador, a Plataforma do Marco Regulatório, Germem, representação da Serin, da Uneb, da Arco Sertão, da Igreja Luterana, do Gambá, Cepesc, Projeto Axé, Fernando da Engenho Novo, Joviniano Neto – presidente do Grupo Tortura Nunca Mais, a Asa Bahia – saúdo Neidson, Movimento Vozes e Renas.

Para encerrar, queremos convidar os presentes para ouvirmos a execução do Hino da Bahia, logo após termos um coquetel no saguão ao lado do Plenário.

(Execução do Hino da Bahia.)

Em nome do Poder Legislativo da Bahia, agradeço a presença de todos os amigos, dos companheiros e companheiras e declaro encerrada a presente sessão.

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.